

**Emoções e performance:
Contribuições da teoria feminista para o entendimento da ação
coletiva¹**

Léa Tosold²

Resumo: A teoria feminista possui longa tradição na teorização de emoções e do corpo a partir da experiência de vida concreta e cotidiana das mulheres. É com base nesses estudos que se estabeleceu, por exemplo, a crítica à ideia de sujeito abstrato que subjaz grande parte das teorias sociais e políticas. Ou, ainda, que se tornou possível questionar os limites de dicotomias implícitas ao fazer teórico, tais quais corpo/mente e razão/emoção. No entanto, mesmo com o crescente interesse acerca do papel das emoções na teoria social e política, as implicações desses estudos para o entendimento da ação coletiva ainda foram pouco exploradas. Este paper, portanto, propõe explicitar possíveis contribuições da teoria feminista para o entendimento da ação coletiva. Parto do trabalho de James M. Jasper – o qual, dentro da teoria da ação coletiva, se destaca por procurar levar a sério o papel das emoções – a fim de explorar um melhor e mais acurado entendimento da ação coletiva à luz dos estudos feministas. Concluo apresentando o conceito de performance oferecido por Hannah Arendt como promissor para desenvolver a teorização das emoções na ação individual e coletiva.

-
- 1 Preparado para o II Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP, para apresentação na mesa "Novas dimensões da ação coletiva à luz das interações entre atores sociais e instituições participativas: mecanismos, efeitos e difusão", em 27 de abril de 2012.
 - 2 Doutoranda do Departamento de Ciência Política da USP.

“It is only through the body that the soul can be transformed”

Gloria Anzaldúa

I. Introdução

No estudo da ação coletiva, as emoções foram, via de regra, percebidas como uma espécie de entrave ou problema. Até os anos 1970, vigorava um entendimento psicologizante acerca do papel das emoções na ação coletiva, encaradas como uma força irracional e incontrolável que conduz à mobilização de grupos subalternos (SMELSER, 1962; HERCUS, 1999, 34; JASPER; POLETTA, 2001). Além de representar a emergência de um perigo, tal entendimento abre espaço para a deslegitimação da ação coletiva por parte de grupos marginalizados.

Já posteriormente, nos anos 1970 e 1980, com o surgimento da teoria de mobilização de recursos, o enfoque sobre a ação coletiva passa a ser instrumental: através das lentes da escolha racional (JENKINS, 1983; HERCUS, 1999, 34; JASPER; POLETTA, 2001). Se, por um lado, tal interpretação confere legitimidade e seriedade a agentes da ação coletiva – já que parecem antes lançar mão ativamente do cálculo racional em vez de serem “movidxs” por emoções obscuras sobre as quais não têm controle –, por outro, mantém-se a conotação negativa sobre o papel das emoções que, agora, são deixadas de lado, como uma espécie de polo oposto e indesejado em relação ao ideal da razão na ação coletiva (MARX FERREE, 1992).

É apenas recentemente, com as chamadas novas teorias dos movimentos sociais, que essa percepção negativa das emoções começa a mudar. Há uma tendência a se reconhecer a importância, por exemplo, da formação de identidades e da produção de sentido na ação coletiva para além das estratégias de escolha racional (HERCUS, 1999, 34; MELUCCI, 1996; TOURAINE, 1985). Tais dimensões indicam a necessidade de se levar a sério o papel que as emoções desempenham na ação coletiva.

Paralelamente, a teoria feminista possui longa tradição na teorização de emoções e do corpo a partir da experiência de vida concreta e cotidiana das mulheres. É com base nesses estudos que se estabeleceu, por exemplo, a crítica à ideia de sujeito abstrato que subjaz grande parte das teorias sociais e políticas (OKIN, 1987; PATEMAN, 1980). Ou, ainda, que se tornou possível questionar os limites de dicotomias implícitas ao fazer teórico, tais quais corpo/mente e razão/emoção (BUTLER, 1999; YOUNG, 2005).

No entanto, mesmo com o crescente interesse sobre o lugar das emoções na teoria social e política, as implicações desses estudos feministas para o entendimento da ação coletiva ainda foram pouco exploradas. O objetivo deste texto, portanto, será o de explicitar possíveis contribuições da teoria feminista para o entendimento da ação coletiva.

Parto do trabalho de James M. Jasper – o qual, dentro da teoria da ação coletiva, se destaca por ser um dos pioneiros e mais inovadores na tarefa de levar a sério o papel das emoções e do corpo em diálogo com a teoria feminista – a fim de explorar um melhor e mais acurado entendimento da ação coletiva.

Conforme veremos, apesar de Jasper, em seu trabalho, contribuir para apontar múltiplas implicações do estudo das emoções na ação coletiva, sua tentativa de estabelecer uma tipologia das emoções enquanto *microfoundations* da ação acaba assumindo um caráter despolitizante que, além de se distanciar do desenvolvimento dos estudos feministas sobre o tema, acaba por comprometer o potencial de um entendimento apropriado do papel das emoções na ação coletiva.

Apresentadas as limitações do trabalho de Jasper, propõe-se, na parte final deste texto, o estudo da performance como caminho promissor para acessar o papel das emoções na ação coletiva de maneira politizada. Para tanto, os recentes estudos feministas sobre as considerações de Hannah Arendt acerca do papel da performance na esfera pública, conforme será visto, mostram-se especialmente relevantes.

II. As emoções no estudo de James M. Jasper

James M. Jasper, além de ser um dos poucos estudiosos que procuram chamar a atenção para a importância das emoções na ação coletiva, é também pioneiro em estabelecer um diálogo com a tradição feminista de teorização das emoções para o desenvolvimento dos estudos da ação coletiva. Em suas próprias palavras:

“Feminist scholars, often examining the women's movement, have investigated cultural processes, emotions, and micro-level interactions. The internal debates and fissures of the women's movement proved especially fruitful for understanding collective identities” (Jasper 2010, 972)

Apesar das poucas citações explícitas em seu trabalho a autoras feministas que trabalham com o tema, Jasper mostra-se, em sua argumentação, atento com alguns dos principais pressupostos desenvolvidos pela tradição feminista sobre o estudo das emoções. Mais concretamente, ele procura mostrar as insuficiências tanto (i) da teoria da mobilização de recursos, por um lado, quanto (ii) do estruturalismo sociológico, por outro, para o entendimento da ação coletiva. Com base nessas críticas, ele abre então espaço para apontar as contribuições do estudo sobre as emoções em superar essas faltas.

Com relação à (i) teoria da mobilização de recursos, Jasper contrói uma crítica a correntes de estudo influentes no universo anglo-saxão que, em sua perspectiva, são fundamentadas em um entendimento insatisfatório sobre o lugar das emoções na ação coletiva: *game theory*, *rational choice theory* e *behavioral economics*. Nessa linha de estudos, parte-se do princípio de que indivíduos agem racionalmente ou de maneira egoísta para o desenvolvimento de teorias da ação coletiva. Segundo Jasper, tal pressuposto é tão arbitrário quanto afirmar que indivíduos agem por solidariedade (JASPER, 2010, 968s). Com essa crítica, ele procura revelar o enviesamento da ideia de indivíduo, que é apresentada como neutra e universal por essas teorias.

Embora a tradição feminista não dialogue diretamente com a corrente de estudos que embasa a teoria da mobilização de recursos, a crítica de Jasper é congruente com epistemologias feministas que partem da ideia de que todo

conhecimento é situado e, portanto, que não é possível abstrair ideias gerais sobre o comportamento de indivíduos que valham universalmente para todo e qualquer contexto³. A importância dessa perspectiva para a ação coletiva é mostrar que o ponto de vista a partir do qual se concebe o comportamento dos indivíduos acaba por privilegiar a análise de certos aspectos, enquanto obscurece outros que são igualmente importantes para o entendimento da ação do comportamento de indivíduos e grupos.

Como consequência desse argumento – e também em consonância com o desenvolvimento da teoria feminista, de maneira mais ampla – Jasper critica a supressão das emoções nos modelos propostos por estudiosos de *rational choice*, como se emoção e razão fossem polos excludentes. Jasper (2010, 968s) entende que a teoria da escolha racional, ao focar exclusivamente no papel da “racionalidade” dos indivíduos para a ação coletiva, tinha como objetivo criticar o pressuposto que regia até então a discussão acadêmica sobre o tema, o qual, por sua vez, assumia uma suposta irracionalidade das emoções como motor da ação coletiva (SMELSER, 1962; HERCUS, 1999, 34; JASPER; POLETTA, 2001)⁴. No entanto, em vez de “reterorizar” as emoções em sua complexidade, afirma Jasper, a *rational choice theory* acabou por suprimi-las do debate da ação coletiva, mantendo uma falsa dicotomia entre razão e emoção.

Assim Jasper, em consonância com a tradição feminista⁵, procurará questionar a dicotomia razão *versus* emoção, argumentando que as emoções podem, elas mesmas, ser consideradas uma forma de racionalidade, um modo de pensar, ou, em suas próprias palavras: “Much of our 'thinking' operates automatically through our

3 Ver, por exemplo, o desenvolvimento das epistemologias *standpoint* e pós-realistas dentro da tradição feminista (FRYE, 1983; JAGGAR, 1989; HARAWAY, 1988; HARDING, 1987; MOHANTY, 1997; 2001; SCOTT, 1991; STONE-MEDIATORE, 2002).

4 Jasper é crítico tanto (a) da ideia de emoções como desvio da razão, tal qual vigorou na análise da ação coletiva até os anos 1970 (SMELSER, 1962; HERCUS, 1999: 34; JASPER; POLETTA, 2001), caracterizando, portanto, uma espécie de “perigo” a ser “contido”; quanto (b) de um enfoque individualista sobre as emoções – que o autor alega ser decorrência da interpretação psicanalítica –, como se emergissem exclusivamente por parte de mecanismos internos ao indivíduo, sem vínculo e interação com o ambiente em que se vive. Em suas palavras: “Emotions are clearly a promising category of microfoundation, in that they are easily seen as interpersonal rather than individual and subjective.” (JASPER, 2010: 15). Para Jasper, abordagens psicologizantes acabam por reduzir a dinâmica interativa e propriamente política das interações humanas a dinâmicas internas da personalidade (2001: 4) – interpretação que inviabilizaria, portanto, entender a ação coletiva por meio das emoções.

5 Cf. especialmente os ensaios de Iris Marion Young em *On Female Body Experience: “Throwing Like a Girl” and Other Essays* (2005), bem como Rose Braidotti, *Nomadic Subjects: Embodiment and Sexual Difference in Contemporary Feminist Theory* (1994).

bodies rather than through our conscious awareness” (2010, 973). Jasper, ao levar a sério o papel das emoções nas ações de indivíduos e de movimentos sociais, propõe também um modelo alternativo para se pensar o indivíduo em sua teoria, que desestabiliza a dicotomia razão *versus* emoção.

Já com relação ao (ii) estruturalismo sociológico, Jasper critica o uso de teorias gerais (*macro*) para se entender, a partir de uma perspectiva *top down*, os mecanismos e processos da ação individual e coletiva. Segundo Jasper, tais “metanarrativas” nos levam praticamente a “forçar” interpretações sobre os modos de ação, sem levar em conta como de fato ocorrem, contextualmente (JASPER, 2011, 4)⁶. Além de caracterizar uma forma de reducionismo, tais “metanarrativas” parecem indicar que a ação individual e coletiva seria determinada exclusivamente pela estrutura. Como consequência, a estrutura acaba por retirar a autonomia dos indivíduos, que parecem, dentro dessa lógica, estar apenas “esperando” por uma oportunidade para agir e mobilizar ideias, símbolos e códigos em favor de determinados interesses. Nessa perspectiva, qualquer teoria da ação, em última instância, fica relegada para segundo plano, visto que a macroestrutura passa a ser autoexplicativa da ação individual e coletiva.

Jasper, a partir de tais críticas, advoga uma abordagem contrária – *bottom up* – através da qual se pode observar, antes, o que ele chama de *microfoundations* da ação – onde se localizam as emoções. Esse nível *micro* de análise seria o ponto de partida para qualquer tentativa de se compreender a ação coletiva de maneira mais ampla (tanto análises *macro* quanto de médio alcance) sem cair em explicações totalizadoras, reducionistas ou autoexplicativas. Assim, Jasper sugere, por exemplo, que procuremos por “dilemas” em vez de “estruturas” (2011, 12). A ideia é, a partir do nível *micro*, reconhecer os múltiplos papéis que as emoções desempenham na ação.

Embora grande parte das análises feministas tendam, como Jasper, a priorizar abordagens *bottom up a top down* (FRYE, 1983; JAGGAR, 1989; HARAWAY, 1988; HARDING, 1987; MOHANTY, 1997; 2001; SCOTT, 1991; STONE-MEDIATORE, 2002), a oposição que o autor mantém entre análises *macro* e *micro*, bem como entre

⁶ Pode-se, nesse ponto, ler implicitamente uma crítica de Jasper à teoria do processo político, em especial ao conceito de “frame”, a partir do qual símbolos, códigos culturais e ideias são estrategicamente utilizados como recurso para a ação coletiva (SNOW; BENFORD, 1988).

estrutura e agência, como se fossem polos excludentes, distancia-se do desenvolvimento de grande parcela dos estudos feministas que se debruçam sobre fenômeno das emoções. Partindo do ponto de vista de que a neutralidade não é possível e, portanto, que o conhecimento é sempre situado (JAGGAR, 1989; HARAWAY, 1988; HARDING, 1987), teóricas feministas tendem a observar a maneira como perspectivas *macro* interferem na percepção das nossas emoções, bem como de que maneira análises *micro*, contextualizadas a partir da experiência do corpo, podem levar ao questionamento de metanarrativas vigentes na sociedade.

Tal diferença do pensamento de Jasper com a tradição feminista em teorizar as emoções é de grande relevância, pois a partir dela podemos observar, com base na tentativa de sistematização de uma tipologia das emoções feita pelo autor⁷, que Jasper acaba por não diferenciar entre a importância de priorizar um enfoque na dimensão *micro* – com a qual grande parte dos estudos feministas, conforme visto, está de acordo – e a possibilidade de gerar, a partir dessa dimensão, uma espécie de conhecimento “bruto”, que aparentemente pode ser adquirido sem mediação entre sujeito e objeto de conhecimento e que, portanto, passa a ser revestido de uma aparente “neutralidade” – contradizendo os fundamentos das epistemologias feministas. Assim, embora Jasper tenha explicitamente contribuído para afirmar a importância de se analisar contextualmente o nível *micro* – em que se encontram as emoções –, sua tipologia acaba por descrever as emoções de maneira descontextualizada e a partir do ponto de vista de um “observador exterior” (*third-party*) aos fenômenos (JASPER, 2006), como se a dimensão *micro* pudesse ser apreendida sem mediações e de maneira neutra (em oposição aos níveis *macro* de análise).

Ao considerar que não há neutralidade ou possibilidade de observar os fenômenos desde um ponto de vista exterior, epistemologias feministas (em especial *standpoint* e pós-positivistas) operam com o princípio de que a melhor forma de gerar conhecimento relevante para a prática política é reconhecer que x observadorx que pretende produzir conhecimento também se encontra, elx mesmox, situadx, ou seja,

7 Em seu texto “Emotions and the Microfoundations of Politics: Rethinking Ends and Means” (2010), Jasper elabora uma diferenciação entre diferentes tipologias de emoção, em escala que parte do que ele considera ser o nível mais fisiológico até o mais cultural das emoções, a saber: *urges*, *reflex emotions*, *affects*, *moods* e *moral emotions*.

possui uma perspectiva de análise que é sempre mediada. Só assim é possível, então, apontar as potencialidades e os limites de tal olhar sobre o fenômeno analisado, avaliando criticamente como a percepção deste é mediada. Tal questão, no entanto, não é levada em conta por Jasper, que parece sugerir ser possível apreender as emoções enquanto *microfoundations* da ação como conhecimento “bruto”, e não mediado, sobre o qual se poderiam construir as bases para uma teoria da ação coletiva.

O objetivo de Jasper é entender e sistematizar como, a partir de uma tipologia das emoções – enquanto *microfoundations* da ação –, escolhas por determinados tipos de ação individual e coletiva são feitas contextualmente (JASPER, 2010). Jasper procura, assim, preencher o que ele percebe ser uma lacuna nos estudos sobre movimentos sociais: a necessidade de uma teoria da ação individual e coletiva que possa servir de guia para a ação estratégica dos movimentos sociais.

No entanto, qual é a consequência de considerar emoções como matéria “bruta”, que pode ser acessada e tipologizada como se não fosse mediada interpretativamente e, dessa maneira, parece ser capaz de oferecer uma base sólida e neutra de conhecimento para a construção de uma nova teoria da ação coletiva? É o risco do que podemos chamar de *despolitização* das emoções. Ou seja, a perda da dimensão do exercício do poder que condiciona tanto as interações humanas quanto a nossa percepção da realidade, inclusive o nível *micro* de apreensão das emoções enquanto categoria de análise para se tecer uma teoria da ação coletiva. Ao serem apresentadas como se fossem “neutras”, perdemos a dimensão crítica de como as emoções são interpretadas e construídas socialmente, ou seja, negligenciamos que não são claras as fronteiras entre corpo biológico e corpo social, entre natureza e cultura (BEAUVOIR, 2008 [1949]). É justamente tal perspectiva crítica – desafiadora das fronteiras entre o biológico e o social – que nos confere a possibilidade de levar em conta que a alteração de nossas percepções e noções sobre o corpo é um processo central de transformação política e social, o que não emerge nas análises propostas por Jasper, apesar de sua relevância para se entender a ação coletiva. Sua tipologia das emoções corre o risco, portanto, de *biologizar* as emoções, o que se observa na falta uma discussão mais cuidadosa do autor sobre o entendimento de “corpo social” e “corpo biológico” (JASPER, 2010), invisibilizando as amplas consequências teóricas

e políticas dessa distinção sob uma aparente neutralidade⁸.

De acordo com epistemologias feministas *standpoint* e pós-realistas, sempre partimos de uma perspectiva situada, tanto para (a) questionar mecanismos geradores de desigualdades naturalizados na sociedade, quanto (b) para acessar um determinado objeto/sujeito de estudos. Apesar de se pretender contextual, a tipologia desenvolvida por Jasper lança mão de uma perspectiva exterior (*third-party*) ao que se observa na microestrutura, a fim de tornar-se generalizável – como se não fosse específica e contingente –, e poder emergir como uma tipologia “universal”, capaz de fornecer mecanismos de análise para a ação coletiva. Além de acabar descontextualizando as emoções – incorrendo justamente naquilo que Jasper tanto se esforçou por criticar teoricamente –, tampouco avalia a perspectiva por meio da qual as emoções são tipologizadas, deixando de fora as consequências teóricas e políticas mais amplas implícitas em tal metodologia de abordagem sobre as emoções. Partir do nível *micro* de análise não exige a necessidade desse olhar crítico, como vêm argumentando muitos estudiosos da epistemologia feminista contemporânea.

Assim, podemos concluir que o trabalho de Jasper tem o mérito de haver consolidado, no campo da ação coletiva, a importância do estudo do papel das emoções, questionando convincentemente a polarização entre razão e emoção como contraprodutiva para o entendimento da ação coletiva. No entanto, sua crítica às metanarrativas do estruturalismo sociológico acaba por levá-lo a polarizar os níveis *macro* e *micro* de análise, de maneira que as emoções enquanto *microfoundations* da ação emergem com uma carga acrítica de neutralidade – posto que tidas como não mediadas – que as *biologiza* em uma tipologia aparentemente universalizável e neutra, inviabilizando uma apropriação politizada das emoções e, portanto, impossibilitando um entendimento da ação coletiva que seja capaz de dar conta dos processos de desnaturalização, sempre relacionais, tanto das percepções sobre as emoções quanto das percepções sobre as estruturas, por um lado, bem como das relações de poder que estão implicadas na emergência contextual das emoções, por outro.

8 É possível notar, no desenvolvimento da teoria das emoções de Jaspers (2010), uma influência da influente tradição anglo-saxã de estudos contemporâneos neurocientíficos, que realiza pesquisas empíricas com base na distinção entre *mind* and *brain*. Cf. por ex. O jornal *Brain and Mind: A Transdisciplinary Journal of Neuroscience and Neurophilosophy*.

III. Considerações finais: abrindo caminho para um melhor entendimento sobre o papel das emoções na ação coletiva através da performance

Tendo em conta os limites da teorização das emoções para o entendimento da ação coletiva proposta por Jasper, explorarei, na parte final deste *paper*, o entendimento de performance, tal qual proposto por Hannah Arendt e desenvolvido recentemente por teóricas feministas, como um potencial caminho para possibilitar uma compreensão do papel das emoções na ação coletiva que seja capaz tanto de dar conta de seu caráter mediado e politizador, por um lado, quanto de seu potencial questionador das desigualdades estruturais, por outro.

Como é de amplo conhecimento, Hannah Arendt deu grande atenção em sua obra ao fenômeno da performance, visto que concebia toda ação na esfera pública como performática por excelência. Embora a análise de sua obra tenha se concentrado majoritariamente na importância que Arendt concebia às narrativas na esfera pública como reveladoras do sentido da condição humana – privilegiando o nível do discurso propriamente dito –, o fato de que Arendt considerava a performance como fenômeno transcendente do discurso abre espaço para pensarmos o papel das emoções em informar e capacitar a ação individual e coletiva. No que segue, serão levantados dois aspectos que indicam o entendimento de performance sobre a obra de Arendt como promissor para pensarmos o papel das emoções na ação coletiva: (i) a centralidade da performance em conectar o contexto em que se insere com uma visão crítica de estruturas e metanarrativas, através de uma abordagem *bottom up*; e (ii) a expressão performática como forma de *politização* da esfera pública.

A fim de compreendermos esses pontos, partiremos dos motivos pelos quais as teóricas feministas passaram a se interessar pela obra de Hannah Arendt, bem como das razões que a levaram a privilegiar um enfoque sobre o fenômeno da performance em sua obra.

Um dos marcos do crescente interesse de estudiosxs feministas sobre a obra de Hannah Arendt deve-se, em grande medida, à “descoberta” de um dos livros de Arendt que, até então, não havia recebido grande atenção: *Rahel Varnhagen – A Vida*

*de uma Judia Alemã na Época do Romantismo*⁹. Tese de livre-docência e tido como uma espécie de “biografia autobiográfica” de Arendt, esse livro abriu novas perspectivas sobre sua obra a partir de dois temas fundamentais que tomaram corpo ao longo dos últimos anos no debate feminista: (a) o interesse em novas metodologias para se pensar o fazer político a partir da experiência de vida concreta de indivíduos, tal qual desenvolvido, por exemplo, pelas epistemologias *standpoint* (HARAWAY, 1988; HARDING, 1987) e pelas epistemologias realistas pós-positivistas (MOYA; HAMES-GARCÍA, 2003; NICHOLSON; SEIDMAN, 1995; MOHANTY, 1997 e 2011; STONE-MEDIATORE, 2002), as quais, como já visto anteriormente, questionam tanto ideia de neutralidade e imparcialidade do conhecimento quanto a perpetuação de dicotomias como corpo/mente e ação/pensamento na produção de conhecimento; bem como (b) a busca por formas alternativas de politização de diferenças, advinda da crítica – por parte de mulheres negras, latinas, pobres e lésbicas, entre outras – à perpetuação de hierarquias dentro do próprio movimento feminista (HOOKS, 1981; HULL; SCOTT; SMITH, 1982; ANZALDÚA, 1987).

É fundamental para xs estudiosxs feministas que Arendt, através desse livro, procura desenvolver um método de compreensão da realidade que se diferencie daquele utilizado tradicionalmente dentro do mundo acadêmico de sua época. Ter vivenciado o *Gleichschaltung* (adesão ao nazismo) por parte dos intelectuais de sua época marcou Hannah Arendt profundamente. Em *Essays on Understanding* escreve ela a esse respeito: “I left Germany dominated by the idea (...) I shall never again get involved in any kind of intellectual business” (1994, 11, *apud* DOLAN, 2000, 262). Arendt chegou à conclusão, conforme bem expressa Frederick Dolan, de que a fixação acadêmica a certas ideias ou conceitos pode prender um indivíduo de tal forma em racionalizações que estas terminam por ser paralisantes perante a realidade. “Between philosophical ideas and political reality, Arendt sensed, lies an abyss”, conclui Dolan (2000, 262). Tal ideia vai a favor da crítica de Jasper às metanarrativas do estruturalismo sociológico, conforme visto, e à ideia de que uma abordagem *bottom up* é fundamental para um entendimento apropriado da ação coletiva por meio das emoções. Assim, entender os acontecimentos a partir de seus efeitos sobre a vida particular de um indivíduo, de maneira corporificada (*embodied*) e contextualizada, tal qual pretende Arendt, é uma tarefa na qual Jasper e um grande número de

9 No original: *Rahel Varnhagen: Lebensgeschichte einer deutschen Jüdin aus der Romantik*.

feministas estudiosxs das emoções encontram-se empenhadxs. Por sua vez, a diferença para com a proposta de Jasper se dará, justamente, no que é central para o entedimento da ação coletiva através das emoções que, conforme visto, encontra-se ausente de sua análise: o caráter relacional entre emoções e metanarrativas, que conduz a um questionamento desnaturalizador e politizador tanto das estruturas quanto da experiência de vida concreta dos sujeitos.

Arendt se mostrou, ao longo de sua vida, fascinada com histórias concretas de vida de certas personalidades – não só Rahel Varnhagen, mas também, notavelmente, a escritora dinamarquesa Isak Denisen –, bem como com as possibilidades de geração e transmissão de conhecimento que, emergindo da performance, não são mediadas pelo discurso ou vão além deste em se criar sentido. Tal interesse de Arendt faz sentido à luz de sua crítica ao pensamento conceitual e abstrato, contra o qual a performance se coloca como alternativa para a criação e transmissão de um conhecimento que não é “descolado” da realidade. Essa perspectiva pode ser encarada como uma forma de superar dicotomias como corpo/mente e ação/pensamento, que, como vimos, se encontra na base dos projetos epistemológicos feministas.

Qual é a especificidade na forma de Arendt explorar a performance que tanto vem atraindo feministas recentemente, e que difere, substancialmente, da abordagem de Jasper? Trata-se do caráter sempre aberto e incalculável de cada momento em que ocorre a performance, o que a torna surpreendente tanto para quem assiste quanto para que a transmite no momento da ação, bem como da possibilidade de reinterpretar a própria experiência como parte de uma luta conjunta com outras pessoas, conectando a experiência pessoal a um contexto político mais amplo que transcende o espaço de tempo de vida de uma pessoa¹⁰. Como afirma Shari Mediatore-Stone, para Arendt “such an experience-based renarrating of one's story does not require complete self-knowledge or a comprehensive social analysis”. Portanto, as narrativas são transcendidas por “contradictory, hitherto muted aspects of experience” (1998, 125), que revelam o reconhecimento do papel das emoções na performance. É como se, por conta do que vai além delas, as narrativas nunca se revelassem por completo, mantendo o mistério que sempre nos fará retornar a elas. Tais aspectos da experiência estão “entre o passado e o futuro”, no sentido que Arendt lhe dá:

10 Como foi o caso de Rahel Varnhagen ao assumir o judaísmo no final de sua vida.

“they [the experiences] are grounded in the world we have inherited from the past; yet by offering a new, creative perspective on the past, they enrich our experience of the present, thereby interrupting the seeming momentum of history and enabling us to envision and work toward alternative futures.” (STONE-MEDIATORE, 1998, 125)

É no momento performático que a narrativa se cria e transcende a si mesma, a partir de emoções e elementos contraditórios e dispersos, difíceis de serem verbalizados¹¹. Esse caráter imprevisível da performance, bem como a inevitável presença de todas as contradições que lhe são inerentes, tal qual Arendt sugere, vão de encontro com o método de compreensão da realidade que ela tanto admirava em Agostinho. Para o filósofo, o conhecimento não se dá de maneira linear, muito menos livre de contradições. Pelo contrário, é através desses elementos – das emoções e das diferentes maneiras com que elas se configuram a cada recesso que fazemos às narrativas através da performance – que torna-se possível, então, compreender.

A performance é, portanto, no sentido conferido a ela por Arendt, um ato político que vai além de si mesmo. O sujeito não possui identidade antes da ação, senão é através da ação que ganha identidade perante si mesmo e os outros (MARKUS, 1987, 78). O momento da ação, como um ato performático, mantém a identidade aberta e sempre capaz de surpreender. Como nota Carolina Armenteros, a coerência do sujeito é resultado – e não o fundamento – da ação (1988, 92). Ora, essa é uma forma não essencialista de politizar identidades, sejam elas individuais ou coletivas. Tal aspecto revela, portanto, o caráter relacional da performance, na qual as emoções desempenham papel fundamental: ao passo que a expressão da performance contextualiza experiências, oferecendo elementos para que os outros possam, nas palavras de Stone-Mediature, “view the same world with a different focus”, também possibilitam, como uma via de mão dupla, “to ‘see’ their familiar world with greater sensitivity to elements unintelligible within hegemonic history” (1998, 123), levando a um constante processo de revisão crítica tanto da experiência pessoal do indivíduo,

11 Como Heather Keenleyside coloca: “The moment we want to say *who* somebody is, our very vocabulary leads us into saying *what* he is; we get entangled in a description of qualities he necessarily shares with others like him; we begin to describe a type or a ‘character’ in the old meaning of the word, with the result that this specific uniqueness escapes us. The specificity of the ‘who’ is not easily approached by language that serves as the universal, is not amenable to adjectives or description but, says Arendt, emerges in speech and action and events, in story” (Keenleyside, 2001, 112; cit. em Wilkinson, 2004, 83).

quanto das estruturas. Níveis *micro* e *macro* de análise são, portanto, desnaturalizados de forma crítica, indicando, portanto, o potencial do estudo dos usos e efeitos da emoção através da performance como promissor para o desenvolvimento adequado e tão necessário do papel das emoções na ação coletiva.

Bibliografia

Anzaldúa, Gloria E. *Borderlands/La Frontera*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

Arendt, Hannah. *Essays on Understanding, 1930-54*. New York: Harcourt Brace & Co., 1994.

-, *Rahel Varnhagen. Lebensgeschichte einer deutschen Jüdin aus der Romantik*. München, Piper, 1981 [1959].

-, *Rahel Varnhagen. A Vida de uma Julia Alemã na Época do Romantismo*. Trad. Antônio Trânsito e Gernot Kludasch. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994 [1959].

Armenteros, Carolina. "Hannah Arendt, Rahel Varnhagen, and the Beginnings of Arendtian Political Philosophy", *The Journal of Jewish Thought and Philosophy* 8, 1988, pp. 81-118.

Bartky, Sandra. 1990. *Femininity and Domination: Studies in the Phenomenology of Oppression*. New York: Routledge.

Beauvoir, Simone de. *O segundo sexo*. Lisboa: Bertrand Editora, 2008 [1949].

Braidotti, Rose. *Nomadic Subjects: Embodiment and Sexual Difference in Contemporary Feminist Theory*. NY: Columbia, 1994.

Butler, Judith. "Performative Acts and Gender Constitution: an Essay in Phenomenology and Feminist Theory", *Theatre Journal* 40 (4), 1988, pp.

519-31.

-, *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1999.

Dolan, Frederick M. "Arendt on Philosophy and Politics" in: Villa, Dana (ed.) *The Cambridge Companion to Hannah Arendt*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

Fisher, Linda (ed.). *Feminist Phenomenology*. London: Kluwer Academic Publishers, 2000.

Frye, Marilyn. "A Note on Anger". In: *The Politics of Reality: Essays in Feminist Theory*. Trumansburg, N.Y.: The Crossing Press, 1983.

Goodwin, Jeff; James M. Jasper, and Francesca Poletta, "The Return of the Oppressed: The Fall and Rise of Emotions in Social Movement Theory", *Mobilization: An International Journal*, 2000, 5(1): 65-83.

Haraway, Donna. "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and The Privilege of Partial Perspective", *Feminist Studies* 14, 1988, pp. 575-99.

Harding, Sandra G. (ed.). *Feminism and Methodology*. Bloomington: Indiana Univ. Press, 1987.

Hercus, Cheryl. "Identity, Emotion, Feminist Collective Action." *Gender & Society* 13, 1999, pp. 34-55.

hooks, bell. *Ain't I a Woman? Black Women and Feminism*. Boston: South End, 1981.

Hull, Gloria T.; Patricia B. Scott; Barbara Smith (eds.). *All the Women Are White, All the Blacks Are Men, But Some of Us Are Brave: Black Women's Studies*. Old Westbury, NY: Feminist, 1982.

Jaggar, Alison. "Love and Knowledge: Emotion in Feminist Epistemology." *Inquiry* 32, 1989, pp. 161-76.

Jasper, James M. e J. Poletta. *Passionate Politics: Emotions and Social Movements*. London: Chicago Press, 2001.

-, “Emotions and the Microfoundations of Politics: Rethinking ends and means”. In: Roggeband, Conny e Klandermans, Bert (eds.). *Handbook of Social Movement Across Disciplines*. New York: Springer, 2010.

-, “Social Movement Theory Today: Toward a Theory of Action?”, *Sociology Compass* 4 (11), 2010, pp. 965-76.

-, “A strategic approach to collective action: looking for agency in social-movement choices”, *Mobilization: An International Journal* 9 (1), 2011, pp. 1-16.

Jenkins, J. Craig. “Resource mobilization theory and the study of social movements”, *Annual Review of Sociology* 9, 1983, pp. 527-53.

Keenleyside, Heather. “The Self and Stories of Isak Dinesen: A Dialogue on Narrative Identity”, *Critical Quarterly* 43 (3), 2001, pp. 109-16.

Markus, Maria. “The 'Anti-Feminism' of Hannah Arendt”, *Thesis Eleven* 17, 1987, pp. 76-87.

Marx Ferree, Myra. “The political context of rationality: Rational choice theory and resource mobilization”. In: Morris, A. D.; Mueller, C. M. *Frontiers in social movement theory*. New Heaven: Yale University Press, 1992.

Melucci, Alberto. *Challenging codes: collective action in the information age*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

Mohanty, Satya P. *Literary Theory and the Claims of History: Postmodernism, Objectivity, Multicultural Politics*. Ithaca: Cornell University Press, 1997.

-. “Can Our Values Be Objective? On Ethics, Esthetics, and Progressive Politics”,

New Literary History 34 (4), 2001, pp. 803–33.

Moya, Paula; Michael Roy Hames-García (eds.). *Reclaiming Identity: Realist Theory and the Predicament of Postmodernism*. Berkeley: University of California Press, 2000.

Nicholson, Linda; Steven Seidman (eds.). *Social Postmodernism: Beyond Identity Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

Okin, Susan Moller. “Justice and Gender”, *Philosophy and Public Affairs* 16 (1), 1987, pp. 42-72.

Pateman, Carole. *The Disorder of Women*. Stanford: Stanford University Press, 1980.

Scott, Joan. “The Evidence of Experience”, *Critical Inquiry* 17, 1991, pp. 773-797.

Smelser, Neil J. *Theory of Collective Behavior*. London: Routledge, 1962.

Snow, David A.; Benford, Robert D. “Ideology, Frame Resonance and Participation Mobilization”, *International Social Movement Research* 1, 1988, pp. 197-217.

Stone-Mediatore, Shari. “Chandra Mohanty and the Revaluating of ‘Experience’”, *Hypatia* 13 (2), 1998, pp. 116-33.

-, “Postmodernism, Realism, and the Problem of Identity”, *Diaspora* 11 (1), 2002, pp. 125-138.

Touraine, Alain. “An introduction to the stud of social movements”, *Social Research* 52, 1985, pp. 749-88.

Wilkinson, Lynn R. “Hannah Arendt on Isak Dinesen: Between Storytelling and Theory”, *Comparative Literature* 56 (1), 2004, pp. 77-98.

Young, Iris Marion. *On Female Body Experience: “Throwing Like a Girl” and Other*

Essays. Oxford: Oxford University Press, 2005.